

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS**

ANGEIRLEY SANTOS SILVA

**A ARTE DO CROCHÊ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA
CIDADE DE SÃO BERNARDO - MA**

**SÃO BERNARDO – MA
2017**

ANGEIRLEY SANTOS SILVA

**A ARTE DO CROCHÊ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA
CIDADE DE SÃO BERNARDO - MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof^ª. Dra. Maria Francisca da Silva

SÃO BERNARDO-MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SILVA, ANGEIRLEY SANTOS.

A ARTE DO CROCHÊ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE DE
SÃO BERNARDO - MA / ANGEIRLEY SANTOS SILVA. - 2017.
52 f.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a.Maria Francisca da Silva.
Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2017.

1. Crochê. 2. Cultura. 3. Patrimônio Imaterial. I.
da Silva, Prof^a. Dr^a.Maria Francisca. II. Título.

ANGEIRLEY SANTOS SILVA

**A ARTE DO CROCHÊ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE
DE SÃO BERNARDO - MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Linguagens e Códigos da Universidade
Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a
obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof^ª. Dra. Maria Francisca da Silva

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Francisca da Silva

Doutora em Letras Neolatinas Espanhol (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Maira Teresa Gonçalves Rocha

Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Ma. Samira Amara Gomes Alves

Mestra em Museologia – UFPI

Universidade Federal do Maranhão

A Jeová, a minha filha Debora Evelyn Santos, assim como, ao meu Marido André Dias, pelos seus ensinamentos e por estarem comigo neste momento da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Jeová pela força de todos os dias, por me guiar nos momentos difíceis e por sempre mostrar o caminho certo no qual devo seguir. Por me possibilitar perseverança e encorajamento para concluir este trabalho.

Logo, durante todos esses anos de caminhada, não poderia deixar de agradecer algumas pessoas que fizeram parte dessa trajetória. Em especial agradeço aos meus pais Helenize Moreira Santos e Clemilton José da Silva, além das minhas irmãs Geisa e Girlene, por me apoiarem e cuidarem da minha filha durante todo o período de ausência.

Também quero manifestar meus agradecimentos a todos os professores do curso de Linguagens e Códigos, em especial a minha orientadora Maria Francisca, que me ajudou a ajustar as ideias neste trabalho.

E também agradecer as artesãs pela disponibilidade que tiveram ao me receberem em suas residências, contribuindo assim para um bom andamento desta pesquisa. Assim como aqueles que mesmo de forma indireta me ajudaram e estiveram comigo nesta caminhada.

Por fim, dedico este trabalho em especial a minha filha Débora Evelyn Santos da Silva e ao meu marido José André Dias da Silva, pela paciência e pelo companheirismo nestes anos que tive que me ausentar por conta dessa graduação, a todos meu muito obrigado.

“[...] O que existe nos artesanatos é todo um elenco de gestos, de procedimentos com o material, que desaguam na forma cultural aprendida de outras gerações e enriquecida, quando não inventada, pela experiência individual. Forma que pode alterar-se, segundo as necessidades, até mesmo estéticas, de cada artesão ou grupo de artesãos.

Lélia Coelho Frota

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o crochê enquanto patrimônio imaterial na cidade de São Bernardo- MA. Apresenta o crochê em sua relevância na manutenção tanto da identidade local, como cultural da cidade, uma vez que o crochê faz parte de práticas culturais que se instituem enquanto bens de valor patrimonial. Os principais autores utilizados foram Brayner (2007) Vaz (2016), Braun (2013) e Castro (2008). Para essa análise, realizei uma entrevista semiestruturada com dez moradoras da localidade que praticam o artesanato crochê, com a finalidade de analisar como esse ofício chegou a São Bernardo e como vêm sendo repassado de geração em geração, além de como essa técnica continua presente na vida de muitas artesãs. O crochê por sua vez, é uma técnica que continua bastante presente na cidade, mesmo não possuindo um grande valor econômico, ele está sendo repassado constantemente entre as gerações, a arte de fazer o crochê vai muito além do valor econômico, ele está mais associado ao prazer de realizar essa técnica, logo, as artesãs mesmo que de forma indireta contribuem para a manutenção do patrimônio cultural imaterial da cidade.

Palavras - Chave: Crochê. Cultura. Patrimônio Imaterial.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el crochet como patrimonio inmaterial en la ciudad de São Bernardo-MA. Se presenta el croché en su relevancia en el mantenimiento tanto de la identidad local, como cultural de la ciudad, una vez que el croché forma parte de prácticas culturales que se instituyen como bienes de valor patrimonial. Los principales autores presentados fuerán Brayner (2007) Vaz (2016), Braun (2013) y Castro (2008). Para ese análisis, realicé una entrevista semiestructurada con diez moradores de la localidad que practican la artesanía croché, con la finalidad de analizar cómo ese oficio llegó a San Bernardo y como vienen siendo repasado de generación en generación, además de cómo esa técnica continúa presente en la vida de muchas artesanas. El crochet, a su vez, es una técnica que sigue bastante presente en la ciudad, aunque no posee un gran valor económico, se está repasando constantemente entre las generaciones, el arte de hacer el croché va mucho más allá del valor económico, está más asociado al placer de realizar esta técnica, luego, las artesanas aunque de forma indirecta contribuyen al mantenimiento del patrimonio cultural inmaterial de la ciudad.

Palabras clave: Crochet. Cultura. Patrimonio Inmaterial.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 Termo de Consentimento Livre Esclarecimento

APÊNDICE 2 Questionários com as artesãs

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das Artesãs entrevistadas

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 Imagem da segunda capela de São Bernardo

FOTO 02 Tapete de Crochê

FOTO 03 Tapete de Crochê

FOTO 04 Varanda de rede

FOTO 05 Conjunto de banheiro

FOTO 06 Colete de Crochê

FOTO 07 Blusa de Crochê

TABELA DE SIGLAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional

PNDA - Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato

PAB - Programa do Artesanato Brasileiro

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PATRIMÔNIO IMATERIAL	17
2.1	Artesanato.....	20
2.2	Crochê.....	25
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO	28
3.1	Caracterização de São Bernardo.....	28
3.2	O artesanato em São Bernardo.....	32
3.3	Procedimentos Metodológicos de Coleta de Dados.....	34
4	ANALISE DOS DADOS	
4.1	Perfil dos Entrevistados.....	37
4.2	O Crochê: Patrimônio Imaterial na Cidade de São Bernardo.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICES	49
	APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	50
	APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista com as Artesãs	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o crochê como patrimônio¹ imaterial, na cidade de São Bernardo- MA, além de demonstrar como a técnica do crochê chegou à cidade e como vêm sendo repassada de geração para geração. Tomo como referência empírica para esta pesquisa a cidade de São Bernardo- MA pertencente a região do Baixo Parnaíba Maranhense e localizada a 372 Km da capital São Luís.

A escolha de realizar essa pesquisa em São Bernardo- MA, é que além de ser minha cidade de origem, é nesta localidade que resido até hoje, facilitando assim o processo da pesquisa de campo, já que conheço várias pessoas que praticam essa arte a muito tempo.

A opção pelo objeto de estudo, que é a arte do crochê se justifica pelo fato dela fazer parte da minha vida. Desde a infância convivi com minha mãe realizando essa atividade. Ela utilizava a técnica para confeccionar peças, que iriam ajudar no orçamento familiar, porém observava que esses fazeres não eram encarados como obrigação, mas, como algo prazeroso apesar de ajudar na renda familiar. E ao observar esses fazeres dentro da minha casa percebi que, outras famílias também utilizava a técnica surgindo assim, o interesse em conhecer como essa arte chegou a cada uma delas.

Outro ponto importante que levei em consideração, é que ao observar as casas próximas a minha que eu frequentava, pude observar que em todas tinham alguma coisa artesanal, seja na decoração, na vestimenta entre outros. Assim passei a refletir como esses materiais são adquiridos e quem as produzem. Partindo desse princípio surgiu o interesse em conhecer a origem da arte do crochê dentro do município de São Bernardo, uma vez que para muitos não passam apenas de “coisas de donas de casa, apesar de que não é dessa forma.

A partir dessas ideias iniciais sobre o crochê, apareceu o interesse de investigar qual a origem da prática do crochê. Como a artesã se veem nessa prática, além de quem repassou esse ensinamento a ela, e o qual o papel do crochê dentro do âmbito familiar uma vez que o mesmo está inserido na cultura bernardense.

Com base nesses questionamentos, esta pesquisa objetivou mostrar a técnica do

¹ A palavra patrimônio vem de *pater*, que significa pai. Tem origem no latim, uma língua hoje morta que deu origem à língua portuguesa. Patrimônio é o que o pai deixa para o seu filho. Assim, a palavra patrimônio passou a ser usada quando nos referimos aos bens ou riquezas de uma pessoa, de uma família, de uma empresa. Essa ideia começou a adquirir o sentido de propriedade coletiva com a Revolução Francesa no século XVIII (BRAYNER, 2007, p 12)

crochê como patrimônio imaterial dentro do município de São Bernardo- MA. Tudo isso porque, partimos do pressuposto de que não há registros que mostram essa arte dentro da cultura bernardense. Pois através dessa catalogação ficará mais fácil compreender como essa técnica chegou na cidade, e como ela vem sendo repassada de geração para geração.

A construção do objeto de estudo partiu primeiramente de leituras teóricas, por meio da internet, livros e artigos que possibilitaram o levantamento bibliográfico da proposta em questão. Posteriormente, senti a necessidade de observar no cotidiano familiar, conversando com mulheres que realizam o crochê.

A perspectiva teórico-metodológica tem como principal base as concepções de autores de Brayner (2007) ,Vaz (2016), Braun (2013), Castro (2008), entre outros. Os quais alguns retratam a questão da cultura e outros abordam sobre o contexto de São Bernardo, logo, também para compor o campo teórico, ressaltou-se o Patrimônio Imaterial utilizaremos o IPHAN com o decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que vem mostrando como o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, passou a ser considerado patrimônio cultural brasileiro.

Por sua vez, a pesquisa de campo teve a participação de dez (10) entrevistadas, que concordaram participar do processo das entrevistas. Todas as entrevistadas residem na localidade e praticam esse tipo de artesanato, algumas praticam a mais tempo e outras nem tanto, porém todas compartilham de algo comum que é a salvaguarda desse patrimônio em São Bernardo.

Desta forma, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento um percurso histórico analisando como a concepção de cultura foi criada e como mesma está estruturada na sociedade. Assim como, enfatizo a questão do patrimônio imaterial como um importante agente na preservação da pluralidade de costumes e tradições de uma sociedade no qual destaco o artesanato e especificamente o crochê como um bem cultural que deve ser preservado.

No segundo capítulo, contextualizo meu campo empírico que é São Bernardo- MA, com o objetivo de analisar como a cidade se constituiu, além de como a sua cultura se organizou na localidade. Apresento o surgimento do artesanato e a cultura do crochê que é repassada de geração em geração até os dias atuais.

Já no terceiro capítulo, analiso os diálogos das entrevistadas com a pretensão, de mostrar como se dá a cultura do crochê em São Bernardo, além de como as mesmas aprenderam essa técnica, problematizando o crochê enquanto um patrimônio imaterial que continua bastante vivo na localidade.

No quarto finalizo destacando, os principais agentes que contribuem para a preservação do crochê em São Bernardo. Assim como apresento o papel do crochê na vida das artesãs, além de como esse artesanato sobreviveu até hoje enquanto um patrimônio imaterial para a cidade.

2 PATRIMÔNIO IMATERIAL

Neste capítulo trato sobre a noção de patrimônio imaterial, a partir de concepções da historiadora Brayner (2007), em que acentua o patrimônio imaterial enquanto uma reprodução de bens culturais comum a uma coletividade. Uma dessas práticas culturais coletivas é a arte do crochê na cidade de São Bernardo- MA, que sempre esteve presente principalmente no contexto familiar no qual me identifico, assim como está inserida dentro da própria cultura bernardense repassada constantemente entre as gerações.

Neste sentido, pensar em patrimônio imaterial, requer a princípio analisar como a cultura é constituída, qual o seu critério de definição e como a mesma se desenvolveu na sociedade, além da importância do seu papel no meio social. Isso torna pertinente a medida que não se pode abordar patrimônio imaterial sem esboçar a importância da cultura, uma vez que o primeiro está situado dentro do campo cultural.

Logo, devemos entender que a *cultura* é explicada sobre várias perspectivas que vai desde da história passando pela antropologia entre outros. Essa necessidade de compreensão do conceito *cultura* não é algo recente, já que várias transformações ocorreram na sociedade desde sua organização estrutural até os dias atuais.

No entanto, o que é importante frisar segundo Santos (2006, p.8) que a “cultura diz respeito a humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedade e grupos humanos”. Isso porque de acordo com o crescimento da humanidade foi formado segundo necessidades, grupos cada vez mais fechados em que constituiu-se modalidade diversas de pensar, viver e socializar.

A partir dessa diversificação, a cultura torna-se ao mesmo tempo plural como singular, já que a mesma está inserida sobre vários ângulos que busca compreender desde a uma sociedade ampla até mesmo práticas simples do cotidiano como afirma Brayner.

A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam como, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se portanto de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência. (BRAYNER, 2007, p 07)

Conforme a autora, a cultura está inserida dentro de um processo dinâmico, que perpassa geração em geração preservando costumes, valores, estilos de vida comum a cada grupo social e a cada sociedade. É dentro desse campo cultural que se insere o patrimônio imaterial.

Este compreendido dentro de práticas culturais coletivas que se manifestam em ofícios, celebrações religiosas, músicas, lugares entre outros, caracterizado como bens culturais imateriais. O patrimônio imaterial reflete neste sentido a preservação de uma pluralidade de costumes e tradições de uma sociedade.

É relevante ressaltar, que a importância e valorização do patrimônio imaterial, ocorreu fortemente a princípio no cenário internacional em 1972, a partir da convenção sobre o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural promovido pela Organização das Nações Unidas (UNESCO). Essa iniciativa expandiu a importância da salvaguarda do patrimônio cultural em âmbito global.

O Brasil, por sua vez, não ficou de fora do processo de preservação do patrimônio imaterial. Essa ideia começou a ser explorada a partir 1930, quando um grupo de intelectuais e artistas que fizeram parte do Movimento Modernista² trouxeram uma nova concepção de arte e cultura impulsionando a valorização das diversas manifestações culturais no Brasil no qual Brayner (2007) trata sobre como isso correu.

Um grupo de artistas e intelectuais se reuniu no que veio a se chamar de Movimento Modernista, que passou a buscar e a valorizar as diferentes raízes da cultura brasileira. Integrantes desse movimento também participaram, em 1937, da criação do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, entre os quais merece destaque o escritor e pesquisador Mário de Andrade. Hoje, com o nome de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN desenvolve ações de preservação do patrimônio cultural em todo o território nacional. (BRAYNER, 2007, p 11)

² O movimento modernista era composto por um grupo de intelectuais no século XX, que visava romper com o tradicionalismo, esse movimento era liderado por Mário de Andrade que tinham como pretensão reacender um novo olhar sobre a cultura brasileira. O marco principal dessa nova proposta foi a Semana de Arte Moderna em 1922, que promoveu uma valorização da cultura popular.

Como aponta a autora, esses intelectuais com destaque do pesquisador e escritor Mário de Andrade³, este protagonista na manifestação sobre a importância da cultura enquanto fator primordial da identidade do povo brasileiro, colaboraram com a criação do Serviço do Patrimônio e Artístico Nacional – SPHAN, hoje conhecido como Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN⁴.

No entanto, as ações de preservação do patrimônio ganha mais evidência a partir de 1970, quando foi ampliando de acordo com Nascimento (2009, p 02) “o conceito de patrimônio formulada entre os especialistas do Centro Nacional de Referência Cultural, centrados na figura de Aloísio de Magalhães”.

Entretanto, é notório enfatizar que a noção de patrimônio imaterial foi ganhando novas dimensões e conceitos ao longo dos anos, favorecendo novas iniciativas para a sua preservação. Dentro dessa perspectiva, é que Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, promoveu pesquisas que geraram a criação do decreto de 3.551 de 04 de agosto de 2000.

Citados no Art. 216 da Constituição Federal de 1988, o IPHAN coordenou os estudos que resultaram na edição do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, que “institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”. Nesse mesmo ano, o IPHAN também consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais. (BRAYNER, 2007, p 13) .

Segundo o autor, o IPHAN por meio de suas pesquisas conseguiu estabelecer programas por meio do decreto 3.551 de 04 de agosto de 2000, que alavancaram políticas públicas com pretensão de dá uma maior visibilidade e salvaguarda aos bens culturais brasileiro. Favorecendo desta forma, a preservação a diversidade de costumes e tradições do povo Brasileiro.

Cabe também enfatizar, que o conceito de patrimônio imaterial passou por diversas revisões e concepções em seu entendimento sobre o que é a cultura imaterial e como reconhecer e valorizar a cultura de diferentes grupos e camadas sociais, uma vez que há uma pluralidade de cultura no Brasil. Assim, além

³ Mário de Andrade, estudou literatura, música, artes plásticas, folclore, arquitetura e foi também um grande escritor brasileiro, ele viajou pelo país filmando, fotografando e escrevendo sobre danças, canções, “causos”, lendas, etc. A obra deixada por Mário de Andrade evidência o que ele procurava associar conhecimento e reflexão com ações de reconhecimento e valorização da cultura enquanto elemento essencial da identidade do nosso povo (BRAYNER, 2007, p 10)

⁴ O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia do Ministério da Cultura, em especial por meio do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), é a instituição de referência para a atuação relativa ao PCI no Brasil. Tanto do ponto de vista conceitual como do ponto de vista da metodologia de atuação, o IPHAN produz avaliações e reavaliações permanentes de sua atuação, que inclui diversas parcerias com órgãos públicos e organizações privadas (CASTRO, 2008, p12).

do desenvolvimento que ocorreu em torno de sua definição, também houve mudanças ao longo dos anos em sua expressão, os quais se apresentarão como *patrimônio cultural intangível, cultura tradicional e popular* e o então denominado na atualidade *patrimônio cultural imaterial* que de acordo com o decreto 3. 551/2000 é caracterizado como nos Livros dos Registros como.

1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas. 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. (CASTRO, 2008, p 19)

De acordo com Castro (2008), esses itens integram o Registro de bens culturais de natureza imaterial, que visam reconhecer e valorizar os bens culturais citados a cima como patrimônio imaterial. O Registro tem como pretensão “[...] à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural. Isso significa documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente da manifestação e suas diferentes versões, tornando essas informações amplamente acessíveis ao público” (IPHAN, apud CASTRO, 2008, p 18 e 19).

Logo, é de responsabilidade do IPHAN avaliar e julgar os documentos encaminhados pelo registro, já que cabe a esse departamento supervisionar se o que está sendo proposto é contingente aos regulamentos da instituição. Essa avaliação consta no decreto nº 3. 551 de 4 de agosto de 2000 no artigo 7º.

Artigo 7º- O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de “Patrimônio Cultural do Brasil”. Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo. (IPAHN, 2006, p 31)

Por meio desse artigo, percebe-se como ocorre o monitoramento e a seleção do que pode ser definido como patrimônio imaterial. Essa reavaliação que ocorre a cada dez anos reafirma as constantes mudanças em torno do conceito patrimônio imaterial, porém a única certeza é que as práticas coletivas e individual continuam vivas se reinventando ao longo das gerações como é o caso das danças, músicas, religiões, artesanato entre outros.

Na próxima seção, trato sobre o artesanato e o seu processo de aprimoramento ao longo dos anos. Analisando como o artesanato muitas vezes faz parte da cultura ou da identidade de determinado lugar, tendo ele um valor cultural muito significativo.

2.1 Artesanato

Neste subitem, abordo o artesanato a partir das principais ideias de alguns autores como Frota (2010), Lemos (2011), entre outros, com a pretensão de demonstrar que o artesanato não se restringe a uma atividade comum. Ele na maioria das vezes faz parte tanto da identidade local como da cultura de uma sociedade.

Analisar o artesanato e sua continuidade na atualidade, requer primeiramente se debruçar a partir de um contexto histórico sobre como surgiu e se aperfeiçoou ao longo das gerações. Assim como o artesanato se concentra dentro de uma perspectiva econômica, cultural e histórica.

Logo, o artesanato segundo Santos (2010, p 03) surge concomitante com o processo de evolução do próprio homem, uma vez que a partir de quando o ser humano se desenvolvia, a necessidade de materiais para sua subsistência aparecia. Assim, o homem passou a produzir e manusear alguns materiais como polir pedras, tecer fibras e criar objetos de cerâmica entre outros.

Desta forma, ao longo do seu processo de desenvolvimento, o homem foi tendo novas criações cada vez mais instigantes e seu trabalho foi ficando cada vez mais aperfeiçoado. Notadamente, o artesanato começa a ganhar uma maior visibilidade e estrutura enquanto trabalho, a partir da Idade Média quando o mercado do consumo começa a dá seus primeiros sinais de desenvolvimento.

No Brasil, o artesanato já era praticado pelos os primeiros habitantes os índios. Estes produzem redes, cocais, cestas entre outros produtos para manter sua subsistência. Outra influência para a incorporação do artesanato e de novas técnicas de produção no Brasil, foram os Portugueses, uma vez que introduziram novos materiais para manuseamento e fabricação, a madeira e a já conhecida a pedra, que serviram para a construção das primeiras capelas, vilas e casas.

Os novos ofícios a marcenaria, olaria e alvenaria primeiras atividades feitas no Brasil Colônia, foram ensinadas pelos padres jesuítas aos índios e posteriormente praticados também pelos negros trazidos ao Brasil para o trabalho escravo. Ao longo do tempo, essas práticas de trabalho se tornou cada vez mais aperfeiçoada e sendo repassadas para gerações futuras.

É relevante frisar, que o artesanato ao longo de seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, esteve atrelado a questão econômica e social, uma vez que o mesmo acompanhava as necessidades do mercado. Por isso, a produção artesanal a muito tempo dominou o mundo produtivo, principalmente antes da Revolução Industrial o artesanato era popularmente conhecido.

Porém, quando o desenvolvimento do capitalismo comercial, começou a dá seus primeiros sinais, ocorreu como pontua Frota (2010, p. 47) “maior comunicação por meio da navegação, ampliação das redes de estradas, dos serviços postais, do uso da moeda e do crédito, o crescimento demográfico induziu o das cidades”. O artesanato por sua vez, foi deixando de ser o único meio de produção de bens matérias, diminuindo assim a sua busca.

Logo, com a chegada da Revolução Industrial no século XVIII e com produção em massa realizadas pelas máquinas “criou uma ruptura entre criação e produção, pois os operários contratados pelas novas fábricas eram incapazes de criar (e jamais estimulados a isso!), limitando-se a operar as máquinas que fabricavam em série os produtos” (KUBRUSLY; IMBRIOSI, 2011, p11).

As atividades no setor industrial agora se dão de forma mais rápida, já que as máquinas é que realiza as atividades antes feitas pelo homem, podendo assim atender a demanda de produtos mais rapidamente. Com isso, os saberes e ofícios das classes baixas que praticavam o artesanato foram ficando mais distante dos interesses dos principais compradores de seus materiais a elite.

As transformações que se sucederam no meio econômico, também promoveram mudanças no comportamento social e cultural da sociedade. No entanto, apesar da pouca procura dos produtos artesanais após a expansão do capitalismo, o mesmo buscou se adequar a novas demandas e ressurgiu a partir de 1922, na Semana de Arte Moderna, em que tinha como principal pretensão resgatar o popular e valorizar a cultura brasileira.

O movimento modernista, inserido nessas transformações e delas também agente, interviu de maneira decisiva na renovação do pensamento e na reavaliação de nosso passado artístico. Com a continuidade da “rotinização do Modernismo”, apontada por Antônio Cândido, em certa medida ficará menos problemático, para a inteligência brasileira, identificar e assimilar formas de criação diferentes, no país, que gradualmente fossem constituindo o corpo de referência a que visava Mário de Andrade, sem discriminação entre o “popular” e o culto” (FROTA, 2010, p, 54).

Conforme Frota (2010), o movimento modernista proporcionou uma renovação no pensamento social e cultural e fez renascer a valorização artístico do popular uma vez que o

artesanato é visto como uma manifestação artístico cultural. Assim, o artesanato foi ganhando novamente espaço, além de gerar renda para quem o produz, o artesão.

O artesão por sua vez, é aquele que participa de todo processo de confecção do produto, ou seja, tem domínio de seu trabalho desde a escolha da matéria prima, a elaboração do objeto, participando da produção do início ao fim. Além, de que possui o conhecimento sobre o seu produto e também o controle da comercialização.

Dessa forma, o cuidado com o produto final também é uma singularidade desse ofício, que dá ao seu trabalho um papel único e peculiar valorizando os traços populares e humildes herdados de gerações passadas. O artesanato, é resultado da exploração da matéria prima além da relação do artesão com seu ofício.

O artesanato é visto como uma forma de produção em que os trabalhadores desenvolvem uma forma de relação com o objeto de seu trabalho individualizada. Ou seja, o papel desses trabalhadores no processo produtivo coloca-os em uma posição importante face a construção de seu produto, que depende de sua capacidade e de seu conhecimento para ser criado. Mais ainda, o trabalhador das formas de produção artesanal necessita de um aprendizado que não é obtido na escola, mas na relação com o próprio trabalho (RIBEIRO apud COSTA, 2012 p, 19 a 20).

Conforme pontua Ribeiro (2012), além de uma reciprocidade de relação com quem o produz, o artesanato também é um conjunto de técnicas constituídas e herdadas de uma geração passada. É realizado manualmente ou com algum auxílio de alguns instrumentos simples. O artesanato também representa um valor cultural, e se manteve „vivo“, devido aos saberes adquiridos ao longo das épocas e esses conhecimentos resultaram em aprendizagens a medida que se ampliavam tornando-se histórico.

Como observado, o artesanato tem suas raízes ligada ao passado, uma vez que o mesmo se estabelece a partir da transmissão do conhecido, herdadas por meio de uma herança familiar. A herança familiar como a própria família em si tem um grande peso no processo artesanal, pois a coletividade característica desse trabalho, possibilita uma expansão dos produtos como também o aumento produtivo da empresa.

Essas atividades artesanais são desenvolvidas aqui no Brasil, principalmente pela classe baixa que utilizam esse ofício para aumentar a renda familiar. Desenvolvendo desta forma, a localidade a qual habitam ao longo dos anos, uma vez que esse trabalho representa um crescimento significativo na economia.

No Brasil, as atividades artesanais são desenvolvidas por núcleos familiares artesanais, majoritariamente situadas em regiões mais pobres, e cuja produção artesanal apresenta uma grande variedade de expressões e quantidade de matérias-primas disponíveis. Ao longo dos últimos anos, essa atividade tem apresentado um ritmo de expansão acelerado, constituindo-se como uma atividade econômica com grande potencial de crescimento, atuando, inclusive, como fonte geradora de emprego e renda (LEMOS, 2011, p 14).

Segundo Lemos (2011), a arte do artesanato se concentra nas classes mais populares realizadas especificamente por núcleos familiares, que emprega sua renda dentro desse ciclo. Assim, essa atividade é uma característica encontrada em todos os Estados do Brasil. Dessa forma, podemos observar o artesanato em diferentes partes do mundo.

A demanda do turismo, é um elemento construtor e complementar das atividades artesanais, pois possibilita um grande fluxo de vendas e estimula a produção do artesanato, além do invento a cultura e economia local que mantém a renda das famílias que trabalham com esse ofício. Com o aumento da demanda dos produtos artesanais foi decretado por meio do número 83.290, de 13 de março de 1979, a regulamentação e classificação do artesanato e do artesão.

Foi editado o Decreto Nº 83.290, de 13 de março de 1979, que regulava a classificação dos produtos artesanais e a identificação profissional do artesão. Em 21 de março de 1991, por meio de um Decreto sem número, publicado no Diário Oficial do dia 22 do mesmo mês e ano, foram revogados os Decretos retro citados e instituído o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), no âmbito do extinto Ministério da Ação Social. Este Programa tem por objetivo coordenar e desenvolver ações em nível estadual que visam a valorização do artesão, elevando seu nível cultural, profissional e socioeconômico e, ainda, promover e divulgar o artesanato brasileiro. Dentre as linhas prioritárias de atuação, destacam-se a geração de oportunidades de trabalho e renda, o aproveitamento das vocações regionais, o incentivo à preservação das culturas locais e a formação de uma mentalidade empreendedora por meio da preparação das organizações (gestão) e de seus artesãos para o mercado competitivo (aperfeiçoamento dos produtos artesanais). Finalmente, com a publicação do Decreto Nº 1.508, de 31 de maio de 1995, o PAB passou a ser vinculado ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, sucedido, em sua competência, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) (LEMOS, 2011, p 41).

Segundo Lemos (2011) além, do decreto que regulamenta tanto o artesanato como o próprio artesão, também foi criado em 1991, o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB). Este programa atua nos vinte e sete estados através das Coordenações Estaduais do Artesanato, que visa estabelecer ações para enfrentar os desafios e possibilitar o desenvolvimento das atividades artesanais, proporcionando desta forma o aquecimento da economia local, assim como, valorizando a identidade local.

As políticas públicas de fomento ao artesanato, evidencia que essa prática sempre acompanhou o ser humano desde o seu surgimento até a atualidade. É importante ressaltar, que ao longo dos anos o artesanato buscou se enquadrar dentro das mudanças que ocorriam na sociedade seja ela, econômica, política, social e cultural, assim o incentivo a esse ofício reforça a tentativa de manter um patrimônio e uma identidade cultural que pode ser expressado também por meio da arte criada pelas mãos de um artesão, seja pela cerâmica, a pintura, o tecido, o crochê entre outros. Estes além de expressar arte, transmite o respeito pela memória e também pela cultura.

Na próxima seção analiso a técnica do crochê, enquanto uma prática artesanal que assim

como as outras, buscou ao longo dos anos se firmar na sociedade com a pretensão de sua valorização enquanto arte. Logo, aos poucos passou a fazer parte tanto da cultura como da identidade de algumas localidades como é o caso de São Bernardo – MA, hoje a técnica do crochê faz parte do patrimônio imaterial da cidade.

2.2 Crochê

Este subitem por sua vez, tratará sobre o conceito do crochê a partir de Braun (2013) apresentando como esse artesanato, começou a ser praticado na sociedade, assim como passou a fazer parte da cultura de várias pessoas. Mostrando a sua importância na preservação de um bem cultural imaterial.

O artesanato além de remeter a uma identidade e valorização de uma cultura, também está presente nos mais variados meios da sociedade seja, na música, na moda, no dia- a – dia das pessoas, na arte entre outros lugares. Isso porque, quando se fala em artesanato se refere ao “produto resultante da transformação da matéria-prima, com predominância manual, por um indivíduo que detém o domínio integral de uma ou mais técnicas previamente conceituadas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural” (PAB apud LEMOS, 2011, p 41).

Logo, assim como existe variados produtos artesanais, também há diversas técnicas de fazê-los, como é o caso do crochê, atividade esta que será analisada neste trabalho com o intuito de mostrar como essa arte ainda é prática na cidade de São Bernardo – MA. Para isso é pertinente analisar como essa forma de artesanato surgiu e por quem essa atividade é mais realizada.

A origem real do crochê não é por certo definida, no entanto, apesar da origem do nome ser Francesa *crochet* que significa gancho, seu surgimento não provém desse país. Alguns relatos apontam que tenha se originado na Arábia, outros afirmam que foi na América do Sul e há

também indícios que foi na China. O que se sabe é que o mesmo começou aos poucos ser praticado na França no século XVI por freiras que eram professoras de artes.

No Renascimento essa arte era feita pelas mulheres especialmente de classe mais elevada, que produziam para uso próprio, como roupas e peças para decoração. Ao longo dos anos a arte do crochê começou a se desenvolver por meio da ascensão do artesanato começando a se expandir na França e Irlanda como pontua Braun.

O crochê começou a se expandir na indústria artesanal em todo mundo, especialmente na França e Irlanda. A renda Irlandesa e a renda bilro eram peças luxuosas, e a população menos favorecida, que não tinha acesso a essas peças caras, faziam a partir da técnica do crochê, copias daquelas que pareciam nas “receitas” elaboradas de renda e luxo, ou seja, as roupas que a classes abastada usavam. Contudo, o estigma de imitação de um símbolo de status em vez de uma técnica artesanal com o valor próprio modificou a técnica. Quem podia comprar renda feita com as técnicas mais antigas e caras desdenhava o crochê como sendo uma peça barata. Porém a Rainha Vitória ajudou a desfazer essa impressão, comprando renda feita de crochê e aprendendo a técnica ela mesma. Durante a era Eduardiana (as duas primeiras décadas do século XX) as rendas de crochê eram mais elaboradas em textura e dificuldade, com rendas de cores pálidas e bolsas elaboradas, com muitos bordados e pedrarias (BRAUN, 2013, p. 62) .

Conforme cita o autor, o crochê começa a ser utilizado a princípio pelas classes menos favorecidas que não tinham condição de possuir peças luxuosas como a renda, uma vez que no período do Renascimento somente a classe mais rica tinha acesso a esse item. No entanto, a partir de quando a Rainha Vitória passou não só a comprar como a fazer o crochê, surgiu um novo olhar em torno dele, que por sua vez passou a ser difundido e utilizado por todas as classes sociais.

A técnica do crochê, a partir de então, foi se mantendo durante os anos. Ela esteve presente também na Segunda Guerra Mundial. O crochê por sua vez era uma prática feita em casa e essencialmente pelas mulheres, que davam a esse trabalho uma singularidade e reconhecimento de que o crochê pertencia ao universo feminino.

É relevante ressaltar que durante muito tempo as mulheres eram senhoras do lar, ou seja, não trabalhavam e suas atividades eram diferentes dos homens estes provedores do lar. Assim cabia as mulheres cuidar da casa e da família, além de realizar pequenas atividades como, tricotar, bordar e praticar o crochê.

Porém esse cenário começa a mudar a partir da implementação do capital por meio da Revolução Industrial e também a partir da Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade e a vida das pessoas começam a sofrer alterações mudando seus estilos de vida, já que novas necessidades começam a aparecer.

Essas transformações ocorreram em todo o cenário da sociedade, os quais foram políticos, sociais, culturais, religiosos e econômico. Pois se antes as mulheres e crianças ficam em casa, nesse novo contexto elas têm que trabalhar para ajudar a manter o sustento da família, assim as mulheres deixam o lar e passam a trabalhar nas fábricas com seus maridos, deixando algumas atividades de lado como o crochê.

Ao longo das décadas este fazer perde parte de seu espaço no universo feminino, pois as mulheres começam a trabalhar e não dispõem mais daquele tempo para a produção de seus trabalhos manuais. Porém esta técnica nunca se perde totalmente, de algum modo é sempre passada de gerações em gerações, por vezes com mais intensidade do que em outras épocas, mas sempre esteve presente em nossa história. E agora ressurgiu com muito glamour até nas passarelas da moda. Nomes de grandes estilistas fazem uma retomada daquela que seria uma das técnicas mais delicadas da história (BRAUN, 2013, p. 64).

Como acentua o autor a partir da Revolução Industrial a arte de fazer crochê foi perdendo espaço entre os trabalhos manuais realizados pelas mulheres. No entanto, essa técnica é sempre atual, pois é repassada por meio do diálogo. Dessa forma, ela se mantém sempre viva dentro de cada cultura.

Cabe ressaltar, que ainda hoje na atualidade essa técnica se mantém viva, “ele permanece sendo realizado por mulheres em seus lares. Essa atividade era inclusive incentivada pela igreja, pois se constituía numa forma pedagógica de aprendizagem dos papéis femininos” (SILVA, 2015, p.252). Assim como essa técnica era essencial para a representação da feminilidade.

Apesar das mudanças que ocorreram na sociedade ao longo dos anos e com uma grande demanda das mulheres no mercado de trabalho, o crochê ainda na contemporaneidade é realizado em grande parte por mulheres, que a fazem tanto para sustentar como para complementar a renda familiar. Isso porque ainda existe uma demanda dessa arte em nossa sociedade, seja na moda, na decoração de utensílios entre outros lugares.

Por isso, essa pesquisa tornou-se importante para analisar como essa arte ainda sobrevive na sociedade, principalmente em cidades pequenas como é o caso de São Bernardo-MA. Analisando-a como um patrimônio imaterial já que esses fazeres sobrevivem a tantas décadas e continuam presentes na vida de muitas artesãs.

Para isso, utilizaremos a pesquisa de campo, pois através dela poderemos utilizar algumas técnicas para coletas de dados como: a entrevista, o questionário e o formulário.

Porém faremos uso da entrevista. Segundo Ruiz (2011) “a entrevista consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante,

dados relevantes para a pesquisa em andamento”. A pesquisa bibliográfica também tem sua relevância, pois, é através desses “registros humanos guardados em livros, artigos e documentos, que poderemos utilizá-los para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”. (RUIZ,2011, p.58).

Esta pesquisa terá participação das artesãs do município de São Bernardo, tendo a oportunidade de mostrar o artesanato-crochê como Patrimônio Cultural Imaterial. Pois no artigo 1º do IPHAN fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que de acordo com o inciso I mostra: Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. E por meio do escritor Vaz (2016), teremos a oportunidade de conhecer a origem histórica do povo bernardense, podendo assim encontrar indícios, de como a arte do crochê chegou na cidade de São Bernardo.

No capítulo a seguir, apresento os aspectos metodológicos no qual a pesquisa se desenvolveu, analisando os aspectos que contribuíram para o surgimento do artesanato crochê no qual, tem como ponto de referência a cidade de São Bernardo – MA.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, trato sobre a contextualização do espaço da pesquisa. Apresento a Caracterização do município de São Bernardo, seu artesanato com foco no crochê e, por fim, os passos para a coleta dos dados.

3.1 Caracterização de São Bernardo

Esta sessão tem por pretensão apresentar por meio do autor Vaz (2016) o espaço no qual esta pesquisa está inserida, já que o artesanato e especificamente o crochê é uma prática bastante utilizada na cidade. Assim apresento uma descrição do município de São Bernardo, uma vez que é de suma importância contextualizar o contexto empírico.

São Bernardo é um município do interior do Maranhão situada na Microrregião do Baixo Parnaíba, que fica a 372 Km da capital São Luís, pertencente a região Nordeste. Sua população segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) é de aproximadamente 27. 817. De acordo com o número populacional, a cidade ainda é considerada pequena, porém, possui uma grande riqueza histórica.

Os primeiros habitantes da cidade foram os padres jesuítas que chegaram a esta localidade por volta 1700. Neste período, os padres cumpriam a tarefa de catequisar os índios, fazendo-os acreditar na existência de deus, assim saíram desbravando a mata a dentro chegando conseqüentemente até a localidade.

Estes índios se expandiram por São Bernardo, cujo desenvolvimento civilizatório se antecipou ao de Brejo. Foi aliás, daqui que partiu a colonização numa referência muito singular. Eram de estatura baixa e cultura neolítica: agricultura avançada, grandes oleiros, bons tecelões e excelentes navegadores. Domesticavam animais. Eram uma família ameríndia, originária de Porto- Malaios. Pertenciam a quarta corrente migratória (VAZ, 2016, p 25).

Conforme, Vaz (2016) os índios já vivam nessa região, supõem-se que pertenciam às tribos tupinambás, e possuíam grandes habilidades, estas em grande parte artesanais como a prática da olaria e da tecelagem, uma vez que os mesmos contribuíram juntos com os negros de origem africana trazidos pelos padres jesuítas para o povoamento da futura cidade.

Na missão dessa catequização criaram uma pequena vila, construindo uma casa e uma capela, sob a proteção de São Bernardo. A adoração por esse santo, dentre os relatos é de que os jesuítas pertenciam ao mosteiro fundando pelo monge Bernardo de Claraval em Portugal, no qual trouxeram consigo a imagem do santo para a localidade, no entanto, a quem diga que a cidade se constituiu com esse nome por conta de um milagre como ressalta o Vaz (2016).

Foi que andando certo vaqueiro pelos campos, um dia encontrou a imagem de São Bernardo, sobre uma pedra, nas encostas de um morro. O vaqueiro tentou várias vezes levar consigo a imagem do santo, mas sem nenhum resultado. Desenganado, leva o fato ao conhecimento do vigário da Vila de Brejo dos Anapurus. Sabedor o vigário de tão precioso achado, tratou logo de, com o auxílio do povo em procissão, fazer a transferência de imagem para a Igreja de Brejo. Em caminho, devido um grande vendaval acompanhado de prolongada chuva de granizo, teve o vigário de pernoitar com o povo que acompanhava a imagem no lugar Igrejinha, distante uns seis quilômetros da sede da Vila. A imagem foi respeitosamente guardada em um quarto fechado. Qual, porém, não foi o espanto do vigário e do povo. Na manhã seguinte, ao abrirem a porta do quarto tudo estava silencioso e vazio, apenas distinguindo-se o vestígio do rastro de um pequeno calçado que saindo de casa, seguira em direção ao local onde a imagem fora encontrada. Resolveu-se edificar ali a primeira capela, sob a invocação de São Bernardo. (VAZ, 2016, p 30 e 31).

Conforme o Vaz (2016), a origem do nome da cidade, faz referência ao santo São Bernardo que segundo relatos a escolha deve-se também ao milagre que seguiu a partir de quando a imagem foi encontrada por um vaqueiro em cima de um morro, uma vez que foi nesse espaço que se construiu a primeira capela, que conseqüentemente em 1798 com o desmoronamento da primeira, ergueu-se outra “de aparência simples e pequenas proporções, de

estilo colonial com uma só torre de relativa altitude – pelos braços dos índios” (VAZ, 2016, p 30), no qual esta última foi demolida 1949 sendo construída a atual no mesmo espaço da primeira.

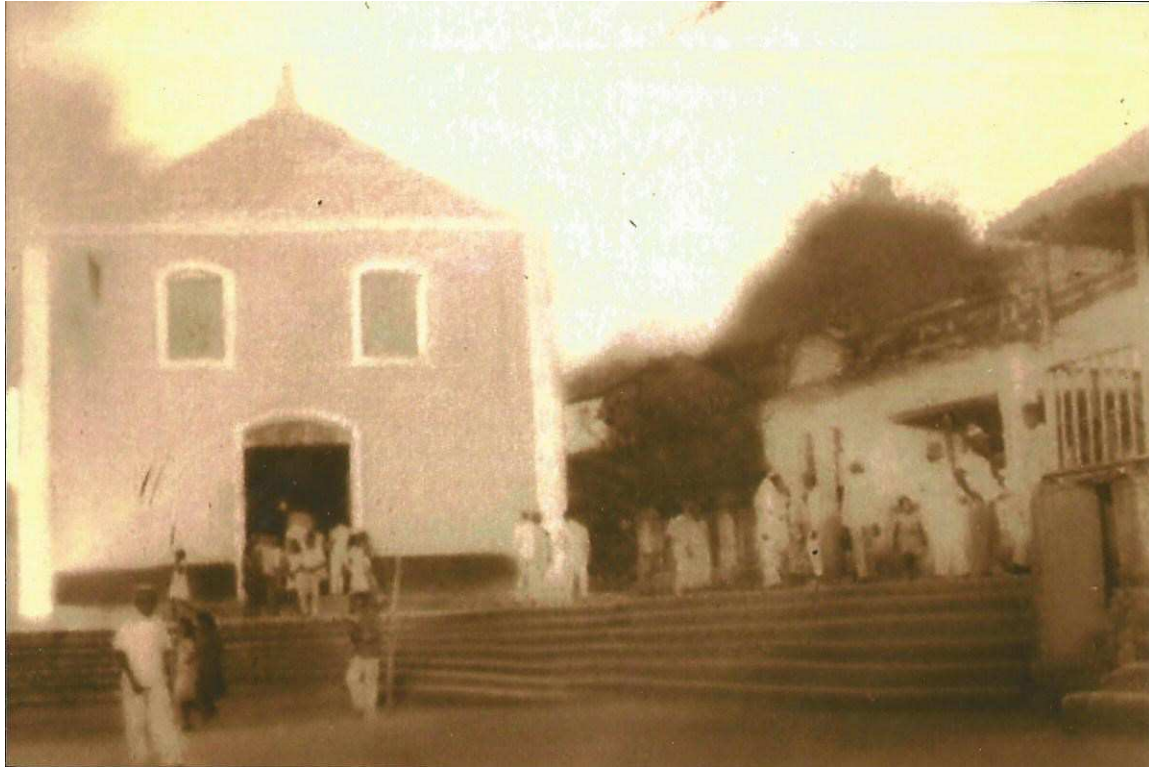


Foto 01: imagem da segunda capela de São Bernardo

Fonte: <https://freguesiasb.blogspot.com.br>(04/04/2017)

Cabe ressaltar, que a cidade de São Bernardo, a princípio fez parte do julgado de Caxias sendo desmembrado pelo Decreto – lei n° 75, de 22 de abril de 1931, sendo anexado a Santa Quitéria do Maranhão. No entanto, posteriormente sob o decreto n° 235, de 7 de janeiro de 1932, foi novamente desconectado passando a fazer parte do município de Brejo, porém, somente em 29 de março de 1938 pelo decreto n° 45 foi elevado à categoria de cidade.

A cidade aos poucos foi sendo construída dentro de um sistema colonial, com suas ruas e entre os morros, a margem do rio Buriti, nome este designada pelos jesuítas. São Bernardo foi sendo cada vez mais desbravado pelos seus primeiros habitantes, que desenvolveram as primeiras atividades econômicas que eram a agricultura e pecuária, conseqüentemente outros moradores também chegaram à cidade como os filhos dos índios nativos, dos portugueses e africanos, que foram donos absolutos do território, além dos filhos do estado do Piauí e estado do

Ceará, a procura de serviço e melhoria de vida, todos atraídos pelo comércio e fertilidade do solo para o cultivo da agricultura e da pecuária (VAZ, 2016. p.34).

São Bernardo, além de ser rico em sua origem histórica, possui riquezas na vegetação e na cultura. Nas formações vegetais encontram-se várias espécies de plantas como: pau terra, carnaúbas, sambaíba, faveira de bolota, caju, manga, pequi, buriti, entre outros. A espécie buriti deu nome ao único rio da cidade, conhecido como rio Buriti, sendo os jesuítas inicianos da ordem da Santo Inácio que deram nome ao mesmo.

Os produtos agrícolas que ajudam na sobrevivência e na renda dos moradores são: a mandioca, que é a principal exploração do município, feijão, milho, arroz, cana-de-açúcar, bananas, laranjas, castanha de caju, coco, carnaúba (pó), babaçu (amêndoa), tucum. Esses produtos são vendidos para outros lugares, logo após as safras, muitas das vezes voltam transformados em produtos industrializados (VAZ, 2016. p.57).

O que favorecia para a escoação desses produtos, era a existência dos rios Buriti e Parnaíba, conforme fundamenta Oliveira (2014, p, 52), “durante o século passado, todas as atividades agrícolas e de extrativismo vegetal eram escoadas pelo rio Parnaíba. O fluxo de embarcações nos portos de Melancias e Porto Formoso era constante, com a venda e troca de mercadorias”.

A cidade de São Bernardo foi se desenvolvendo, criando suas primeiras ruas e ganhando mais moradores que vinham de outras regiões fugindo da seca e escassez de alimentos. Assim, a cidade era uma esperança para os futuros moradores, que ajudaram a construir escolas, comércio entre outros como pontua Oliveira.

A situação econômica do município só começou a melhorar no início do século XX, quando novos moradores começaram a chegar; período no qual o comércio ganhou outros produtos e deu-se a abertura de estradas interligando São Bernardo à capital. Além disso, a organização político-administrativa, a formação das escolas e os serviços de comunicação (correios, telefones) contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Porém, nas comunidades rurais a vida campesina continua sendo tradicional: plantação nas roças, pesca e caça (OLIVEIRA, 2014, p 45)

Como enfatiza o autor, a situação econômica passa a mudar a partir do século XX, quando novas estradas foram sendo abertas, diminuindo a distância e promovendo o crescimento da cidade. Além de que outros fatores também foram contribuindo aos poucos para o desenvolvimento da cidade os quais são, os serviços de comunicação (correios, telefones) e meios de transporte.

Com esses avanços, São Bernardo foi progredindo ao longo dos anos se organizando no setor administrativo e conseqüentemente econômico e social, já que escolas, hospital, delegacia foram sendo construídos para atender a demanda dos moradores que não parava de crescer. Assim outro ponto importante que crescia e de fundamental importância tanto para a religião como para o surgimento e desenvolvimento da cidade era a igreja e seu festejo que esteve atrelado a construção da própria cidade.

O festejo de São Bernardo, tem origem conseqüentemente junto com o desenvolvimento da cidade, uns apontam que o mesmo se desencadeou por conta dos jesuítas, outros ressaltam que foram os imigrantes do Piauí e Ceará. No entanto, o que se sabe é que teve um homem com o papel muito importante neste contexto o Padre Nestor.

A 15 de agosto de 1926, ele inicia com seus paroquianos a construção da nossa atual Igreja Matriz, de estilo gótico, com uma só torre. Continuando seu trabalho cultural, ele incentiva a aprendizagem de instrumentos musicais formando uma banda que rapidamente foi organizada, e desfilou pelas ruas da cidade em maio de 1926, sob o comando do maestro Pedro Ambrósio. Ele incentiva a formação de grupos teatrais, com sua primeira peça apresentada a dezembro de 1929, denominada Cestinhas de Flores e trabalhava incansavelmente para o enriquecimento de nossa terra. Trouxe um piano e um órgão para a igreja. Ao lado da igreja o Padre Nestor de Carvalho Cunha, em 1935, construiu o Bazar, que era um ponto de encontro das famílias bernardenses, funcionava dia e noite com vendas de chocolate, café, bolos etc., e animadas reuniões com festa. O padre se dispunha completamente ao desempenho do sacerdócio, do progresso e da civilização(VAZ, 2016, p 40).

Segundo o autor, o Padre Nestor foi o precursor do festejo de São Bernardo, inserido dentro do contexto religioso, músicas, leilões para a arrecadação de dinheiro e hospedagem para os visitantes chamados de “romeiros”. O padre era bastante querido pelos moradores da localidade e servia o sacerdócio com dedicação.

Assim, ao longo dos anos o festejo foi tomando proporções cada vez maiores, surgindo novos organizadores e mais membros da igreja. O processo de organização dá-se pelas “comunidades e os grupos de orações se reúnem e dividem as tarefas a serem cumpridas nos dez dias de festa, são montados grupos de acolhida e venda de objetos e artigos religiosos” (SOUSA, VIANA, 2013, p 7).

O festejo ocorre todos os anos nos dias 10 a 20 de agosto, período que se comemora o padroeiro da cidade São Bernardo. A festa ocorre durante os dez dias, com as seguintes programações: levanto do mastro, missas, leilões, batizados, casamentos, festas sociais e procissão. Neste período também a cidade fica bastante movimentada como ressalta Oliveira.

No tempo do festejo, o fluxo populacional destoa do dia-a-dia da pacata São Bernardo. Caminhões, ônibus e carros de passeios trazem os romeiros de várias localidades da região. Alguns destes realizam o percurso a pé e a cavalo. Como dito, a ambiência comunitária se torna mais intensa nesse período: além da participação dos populares em momentos centrais do festejo, é todo o espaço urbano que se dinamiza. Diuturnamente as ruas ficam movimentadas (OLIVEIRA, 2016, p 56).

O período do festejo como pontua o autor, é uma data muito importante não só para a população como para todas as localidades da região. Pois, é neste período que ocorre um grande fluxo de pessoas que vem para São Bernardo em busca de renovar a fé e de se divertir, logo, todo o mercado se aquece lojas, bares, supermercado entre outros, contribuindo para a economia da cidade, além do que há, um grande movimento também em torno do artesanato da cidade pois os visitantes sempre querem levar uma recordação da festa para a sua casa, possibilitando os artesões mostrar sua arte.

3.2 O Artesanato em São Bernardo

O artesanato em São Bernardo ainda se faz bastante presente, desde quando passamos a compreendê-lo como ofício em que o artesão tem total domínio do produto, este confeccionam de forma simples e singular. Logo, São Bernardo - MA por possuir aproximadamente 27. 817 pessoas, ainda é caracterizada como uma cidade pequena, esta tem como principais atividades econômica o artesanato.

Notadamente Frota (2010), mostra possíveis explicações para o artesanato se tornar tão presente em nossas vidas. Segundo o autor, “os artesãos são artistas criadores que se nutrem ao longo da história de conhecimentos e práticas, geralmente herdadas pelas famílias, sendo cultivadas de gerações passadas”. E essa riqueza cultural, é notório no município de São Bernardo.

A localidade apresenta várias atividades artesanais bastante antigas que sobreviveram ao longo dos anos, sendo ensinadas pelas gerações passadas. Dentre elas podemos destacar, artista plásticos, oleiros, carpinteiros, bordadeiras, costureiros, entre outros ofícios que preservam a memória cultural da cidade.

Há também em São Bernardo, outras riquezas naturais extraídas da terra, e que são utilizados para ajudar no orçamento familiar de muitos bernardenses. É o caso dos talos do buriti que é uma matéria prima própria da região, e que serve para a produção de muitos produtos. Os talos do buriti são utilizados na confecção de fruteiras, as palhas da planta também são utilizadas

para fazer: chapéus, cestas e abanos que são facilmente encontrados no mercado municipal. Tudo depende do olhar do artesão para a matéria prima.

Outros produtos também são feitos em São Bernardo de forma artesanal, como é o caso de móveis, tijolos, portas, janelas, roupas entre outros. Essas atividades é que mantém o sustento de muitas famílias e contribuem para a econômica local e para a preservação cultural da localidade.

Desta forma percebe-se que o artesanato sobreviveu através de gerações até hoje na localidade, alguns relatos dão início de que essa prática já era realizada pelos índios que habitavam local, os mesmos utilizavam de matérias primas que continham em São Bernardo para a confecção de redes, canoas entre outros que serviam para o seu mantimento. Porém, com a chegada dos jesuítas algumas outras práticas foram sendo incorporadas como é o caso da fabricação de tijolos e telhas, que permaneceram até hoje.

Os trabalhos artesanais realizados em São Bernardo têm como função tanto manter o sustento da família como de complementar a renda familiar. Isso porque alguns produtos, tem mais demandas de procura que outros. Assim como tem diferenciação de gênero, pois algumas atividades são realizadas por homens que são os trabalhos braçais, e outros realizados pelas mulheres de características mais simples e designadas de feminina, como é o caso do bordado, costura e crochê.

A diferenciação que se apresenta em relação de gênero em torno do artesanato também reflete na questão econômica, uma vez que os produtos feitos pelos homens têm maior demanda de consumo, já que os mesmos são procurados constantemente. Porém, os das mulheres além de serem menos valorizados a procura ainda é pouca.

No entanto, o consumo de artesanato realizado especialmente pelas mulheres como crochê, costura, e bordado são procurados especialmente nos períodos culturais. Dentre eles se destaca as festas juninas e principalmente o festejo em comemoração ao padroeiro de São Bernardo, uma vez que o comércio aquece com a chegada de visitantes que buscam uma lembrança para recordação.

Nesses períodos alguns produtos artesanais têm destaque VAZ (2016, p. 120) como “bolsas, cestas, tapetes (buriti e crochê), selas (couro), chapéus, redes, esteiras (palha)”entre outros. Assim, percebe-se que esses produtos são resultados de um patrimônio cultural que a localidade tenta preservar apesar de pouca iniciativa por parte do poder público em tornar essa arte mais valorizada.

Notadamente, mesmo com pouco incentivo, a perpetuação do artesanato continua ,ou seja, pela questão econômica, ou seja, pelo fato de manter esse patrimônio vivo. Com essa pretensão é que foi promovido em São Bernardo - MA a primeira feira cultural com exposição de alguns produtos fabricados pelos próprios moradores da cidade.

Em 06 de agosto de 2004, houve a primeira feira cultural do Fórum de Desenvolvimento Local Integrado Sustentável (DLIS), com a exposição de artesanato com produtos locais, com o objetivo de divulgar e valorizar a cultura local, assim como estimular o aumento da produção das potencialidades do município, além de apresentar uma alternativa de lazer e entretenimento para a população bernardense. (VAZ, 2016, p.120)

Segundo o autor, houve em 06 de agosto de 2004 a primeira feira cultural com a exposição de artesanato, com a pretensão de valorização e divulgação não só dos produtos como dos artesãos. Porém, não se tem informações da continuação dessa feira em outros anos, o que se sabe é que os produtos realizados principalmente pelas mulheres são expostos todos os anos entre os dias 10 a 20 de agosto no festejo que se comemora o padroeiro São Bernardo, mantendo esse ofício na localidade.

Na próxima seção, explicito como se deu o processo da coleta de dados realizados com as participantes da pesquisa, que foram as mulheres que moram na localidade São Bernardo. O processo da pesquisa torna-se importante, uma vez que por meio dela pôde-se identificar como ocorre a prática do crochê na localidade.

3.3 Procedimentos Metodológicos de Coleta dos Dados

A arte de crocheter é uma técnica que nunca se perde totalmente, de algum modo é sempre passada de gerações para gerações, por vezes com mais intensidade do que em outras épocas, mas sempre esteve presente em nossa história (BRAUN,2013 p.64).

Partindo desse princípio busco analisar como esse ofício chegou em São Bernardo e como vêm sendo repassado de geração em geração, além de como essa técnica continua presente na vida de muitas artesãs. Assim, para a organização desse trabalho, foram necessárias leituras teóricas que me ajudaram a compreender como o crochê se estabeleceu e como se mantém até hoje em São Bernardo.

Dentre também, as estratégias metodológicas se encontram a pesquisa de campo que auxiliou significativamente na estruturação desse trabalho. Assim “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de

variáveis presumivelmente relevantes para posteriores análises. A pesquisa bibliográfica consiste em uma pesquisa profunda de determinados assuntos que podem ser encontrados em livros, documentos e arquivos” (RUIZ 2011, p.50).

Logo, para o processo de pesquisa, foi necessário realizar entrevistas semiestruturadas acerca do processo de discussão da temática, a arte do crochê como patrimônio imaterial na cidade de São Bernardo. Os entrevistados foram as próprias moradoras da cidade, especialmente as mulheres que realizam esse ofício, cabe destacar que somente as mulheres na cidade praticam essa arte, por isso a pesquisa de campo se restringiu somente ao sexo feminino uma vez que as mesmas expusessem seu conhecimento sobre o assunto.

Em decorrência disso, é que houve dois critérios de seleção dos entrevistados, o primeiro levava em consideração as entrevistadas residirem na cidade, uma vez que o foco da pesquisa visa compreender o crochê como um patrimônio imaterial que está presente na localidade. E outro critério de seleção foi a questão de gênero como já enfatizado, já que prática do crochê é realizado unicamente pelas mulheres não se tendo ainda registro de que tal atividade também já foi, ou seja, praticado pelos homens, nessa região.

Para a coleta das informações foram necessárias várias visitas as residências das entrevistadas, em decorrência da disponibilidade e do horário das mesmas, já que elas realizam outras atividades para além do crochê. O trabalho de campo teve início no dia 05 de março, de 2017, encontrando, a princípio, algumas dificuldades como divergências de horários entre a pesquisadora as entrevistadas.

As entrevistas ocorreram de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada, que foram procuradas individualmente, antes da aplicação, apresentando-lhes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (ver apêndice A) para participar das entrevistas, estando as mesmas conscientes de suas participações neste trabalho.

Utilizei como recurso de coleta de informações a gravação por fornecer o armazenamento livre dos argumentos explorados, além de facilitar a absorção de um diálogo mais interativo com o/a entrevistado/a que não é possível da mesma forma com a escrita, possibilitando-me rever e transcrever de forma detalhada o que foi explorado durante o processo de entrevista.

Foram elaborados um roteiro de questões, este sendo utilizado com todas as entrevistadas. As questões, voltaram-se em analisar como o ofício do crochê foi repassado, além de quanto tempo a praticam e se essa arte ajuda a manter a renda familiar entre outras. A

pesquisa teve como pretensão analisar como ocorre a manutenção da técnica do crochê em São Bernardo- MA, assim como saber qual a participação das mulheres na manutenção desse patrimônio na localidade.

Para que pudesse ocorrer essa análise, o questionário foi preparado e organizado articulando-se com os propósitos do trabalho. Elaborei perguntas abertas que possibilitaram a visão de cada entrevistada. É relevante enfatizar que apesar de ter uma grande quantidade de mulheres na cidade que praticam essa arte, o processo da entrevista somente ocorreu com pessoas próximo a pesquisadora e com pessoas que tenho conhecimento desse trabalho, uma vez que a limitação do campo empírico é necessária, já que não se pode abarcar o todo.

Partindo desse pressuposto, as entrevistas foram realizadas somente com dez (10) mulheres uma vez que todas concordaram em responder o questionário sem nenhuma restrição, além de concordarem com a gravação. Todas as colaboradas foram bastante acessíveis com os dados tornando a pesquisa prazerosa.

De acordo com Cardoso (1986), a pesquisa é a história de um relacionamento pessoal em que o pesquisador procura desfazer as impressões negativas da imagem de “dominador”, a fim, de tornar o encontro com nativo possível. A pesquisa de campo é importante, porque é nesse momento que o pesquisador constrói processualmente seu objeto de estudo. Ao entrar em contato com o objeto de interesse, organiza ideias e coloca em prática os conhecimentos adquiridos pelo campo bibliográfico.

No próximo capítulo, analiso as entrevistas, referente a técnica do crochê, analisando como o mesmo surgiu, além de quem pratica essa arte. Assim como busco analisar qual a relevância desse artesanato para a localidade.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, realizo a descrição do perfil dos entrevistados, durante a coleta de dados. Posteriormente, discorro a análise dos discursos proferidos pelos entrevistados, como vista a compor o ato de crochear como patrimônio imaterial do município de São Bernardo MA.

4.1 Perfil dos Entrevistados

Apesar da arte de fazer crochê ter sido desenvolvido a muito tempo, especialmente pelas classes menos favorecida, ainda podemos observar nos dias atuais que essa prática sobreviveu mesmo com mudanças sociais, econômicas, tecnológicas entre outras. Logo, a mesma pode ser encontrada na arte, moda, decoração entre outros lugares, fazendo do crochê uma arte cultural.

A cultura por sua vez, está ligada a preservação de costumes, crenças, linguagens entre outros, comum a determinada sociedade ou local. Assim para a compreensão da técnica enquanto um patrimônio imaterial, este não se restringindo a preservação de bens imateriais, mas tudo que é considerado valioso para uma sociedade ou grupo, é que realizei uma pesquisa de campo na cidade São Bernardo – MA.

Para esta análise, foi necessário realizar na cidade entrevistas semiestruturadas com moradoras da localidade. Porém, como a cidade possui segundo fonte do IBGE cerca de 27. 817 habitantes, é impossível fazer entrevistas com várias moradoras uma vez que nem todas praticam essa arte.

Logo, é necessário que haja uma delimitação tanto do objeto de estudo como do campo empírico. Por isso, as entrevistas foram realizadas com dez (10) mulheres, sendo todas de conhecimento da entrevistada, uma vez que possibilitou o desenvolvimento do trabalho, além de que a seleção também levou em consideração, a prática comum a todas elas que é a arte de fazer crochê.

As questões possibilitaram analisar como essa cultura se insere dentro da cidade e como a mesma sobreviveu ao longo das gerações, uma vez que mesma é realizada por mulheres de variadas idades. Assim para observar essa variedade é que, o perfil das informantes foi catalogado e separado de acordo com idade, escolaridade e profissão, cabe aqui enfatizar que as mesmas serão identificadas por letras para preservar sua imagem.

Tabela 1: Perfil das entrevistadas

entrevistada	idade	escolaridade	profissão
A	55 anos	Ensino Médio	Costureira
B	48 anos	Ensino Médio	Zeladora
C	55 anos	Ensino fundamental	Comerciante
D	32 anos	Ensino Médio	Dona de casa
E	30 anos	Ensino Médio	Vendedora
F	42 anos	Magistério	Professora

G	43 anos	Ensino Médio	Comerciante
H	56 anos	Ensino Fundamental	Dona de casa
I	30 anos	Ensino Médio	Dona de Casa
J	27 anos	Graduação- Biologia	Professora

Fonte: Informações organizadas pela autora, a partir da coleta de dados e trabalho de campo.

A partir da tabela podemos observar, que o crochê é praticado na cidade por mulheres com idades bastante variadas, tendo a mais velha 58 anos e a mais nova 27 anos. Logo, percebe-se que não tem uma idade fixa para a prática do crochê, uma vez que o mesmo pode ser feito por todas as idades, já que para fazer o crochê é necessário especificamente uma agulha e linha, além da habilidade.

Outro ponto relevante analisar é que grande parte dessas mulheres, ou seja sete (7) delas possuem profissões as quais são, costureira, comerciante, vendedora, zeladora e professora, enquanto somente três (3) são donas de casa. Notadamente, percebe-se que as mesmas não se mantêm somente da arte do crochê uma vez que possuem outra fonte renda, ou seja, o crochê geralmente é realizado somente em um tempo disponível, quando as mesmas já tenham realizado suas atividades diárias dentro de casa, portanto percebe-se que o crochê faz parte do cotidiano particular das famílias bernardenses.

Em relação a escolaridade das entrevistas nota-se que todas passaram pelo processo educativo. No entanto, duas delas tem somente o ensino fundamental, seis possuem ensino médio, uma tem magistério e a última possui uma graduação, visualizando dessa forma através dos dados que o crochê não é uma fonte única de atividades dessas mulheres que a praticam, pois, seus objetivos de vida vão além do crochê.

4.2 O Crochê : Patrimônio Imaterial na Cidade de São Bernardo

Neste subitem tratamos sobre as análises do corpus coletado, a partir das falas das entrevistadas, com o objetivo de compreender o crochê, enquanto um patrimônio imaterial. Pontuando que o crochê é uma prática realizada por um determinado grupo de mulheres, que ajudam a manter vivo esse bem cultural.

O crochê faz parte da cultura da cidade de São Bernardo a muito tempo, realizado unicamente por mulheres, que fazem o crochê tanto como uma forma de subsistência, como para seu “tempo

livre”. Logo, uma das pretensões desse trabalho como já ressaltado, é buscar analisar como esse ofício foi sendo repassado e qual a sua relevância para a cultura local.

Cabe a princípio ressaltar, que não se tem dados oficiais de quem introduziu a arte do crochê na cidade. Porém, o que se sabe é que algumas atividades artesanais já eram realizadas pelos índios que residiam na localidade antes da chegada dos padres jesuítas, e que a produção de outros produtos foi sendo inseridos pelos últimos.

Dessa forma, o que se sabe de concreto é que a arte do crochê se manteve vivo na cultura Bernardense por meio da oralidade, já que a mesma foi sendo repassada de uma geração mais velha para uma mais nova, que por sua vez o ciclo continua. Essa prática na maioria das vezes sempre é ensinada por pessoas mais próximas que possuem esse hábito.

Logo, foi perguntada para as entrevistadas, com quem aprenderam essa técnica de fazer crochê, das dez (dez) entrevistadas, oito (8) afirmaram que foram ensinadas por outras pessoas os quais são, mãe de criação, tia, irmã, amiga e vendedoras de linhas, enquanto somente duas (2) pontuaram que aprenderam praticamente sozinhas, apesar de que também tiveram a princípio o intermédio de outra pessoa como podemos ver nas falas das mesmas.

Eu aprendi, praticamente sozinha, assim no início que eu morava com minha mãe eu aprendi com ela. Ela me ensinado só fazer aquelas trancinhas aí eu fui continuando, e aprendi praticamente sozinha porque eu não tive aquela pessoa para esta me ensinando. (D, 32 anos)

Filha, eu aprendi essa técnica por grande necessidade, depois que o meu filho faleceu, eu tava (estava) com minha cabeça muito perturbada e veio uma amiga e trouxe a metade de um novelo de linha. E ela disse: tu vai aprender eu digo eu não aprendo mermã (mulher). Eu não sei, eu fazia biquinho de guardanapo, mais eu não sei eu digo não ela disse tu sabe, eu metia agulha era uma luta pra sair enganchava, não tu sabe aí eu comecei a fazer, aí me animei aí eu comprei na dona Eneida mais um novelo, aí comecei a fazer uns quadradinho e aí eu digo vou aprender mesmo. (I, 30 anos)

A arte de fazer crochê como acentua Veras (2007, p. 02) “a arte de bordar ou fazer crochê é vivenciada desde a infância. Entre linhas, bastidores e bonecas, o aprendizado iniciasse cedo, quando elas se envolvem com a atividade observando o fazer de suas mães, avós, tias e irmãs”. Esse ciclo pode ser observado através das falas das entrevistadas que afirmaram terem sido ensinadas por outras pessoas.

O período no qual elas aprenderam variam bastante, pois algumas iniciaram essa técnica mais cedo como é o caso da entrevista A que foi com oito anos (8), a C, E e G com doze

anos (12), a F e a I com dezesseis anos (16). Já outras aprenderam um pouco mais tarde como é o caso da entrevistada B com vinte e sete anos (27) e a H com cinquenta e cinco anos (55).

Desta forma podemos analisar, que esse tipo de artesanato praticado na cidade de São Bernardo, é uma arte que já está incorporado tanto na vida cotidiana de algumas famílias, como nos costumes da própria localidade uma vez que o processo de ensino e aprendizagem desse ofício continua entre variadas gerações que vai desde crianças, passando por adultos até os idosos, logo, o mesmo faz parte do patrimônio cultural da cidade.

É notório observar, que a prática de fazer crochê não fica restringindo nas mãos de quem aprendeu, o mesmo está inserido dentro de um ciclo de ensino e aprendizagem, pois quem aprende busca ensinar outras pessoas a também realizar esse ofício. Esses sujeitos que são ensinados por quem já aprendeu a técnica, sempre são parentes ou pessoas próximas ligadas a praticante, como podemos observar na fala destacada.

Hoje sabe porque quando, eu aprendi que eu utilizei por um tempo eu ensinei a minha filha, ensinei minhas sobrinhas, tenho umas sobrinhas que hoje elas fazem de vez em quando, elas fazem, elas aprenderam mesmo (A, 55 anos)

Nota-se de acordo com a fala da entrevistada que o crochê é uma arte que está sendo repassada constantemente, pois as pessoas tanto buscam aprender como repassar o conhecimento adiante. Por isso, que a cultura vai além de hábitos repetitivos ela também se designa como “conhecimento, ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social”. (SANTOS, 2006, p24).

Assim, o conhecimento do crochê e sua técnica é uma prática cultural, que já está inserida dentro da sociedade bernardense. Cabe, ressaltar que nem todas as mulheres da localidade fazem essa arte, somente as que tem antecedentes ou parentes que já praticavam ou praticam esse ofício, estas últimas sempre buscam repassar esse conhecimento para outras pessoas ajudando dessa forma a preservar esse patrimônio.

É importante frisar, que qualquer pessoa independente de gênero ou idade pode aprender a fazer o crochê, pois a mesma é realizada de forma artesanal, logo o praticante detém de todo o processo de confecção da peça que vai desde a compra dos materiais até a finalização do produto. Pois, o mesmo é feito com produtos simples, feito totalmente a mão, sendo necessário somente dois tipos de produtos uma agulha e linha específica de fazer crochê.

Analiso também que apesar dessa técnica não ser tão recente na sociedade, assim como não é na cidade de São Bernardo, o mesmo ao longo dos anos vem buscando se valorizar e se

firmar no meio social em meio a diversidade de produtos industrializados disponíveis a pronta entrega ao consumidor.

Notadamente, em busca de valorizar o crochê tanto enquanto produto como arte, é que alguns artistas plásticos, assim como estilistas criam peças feitas a crochê com pretensão de acrescentar a elas “ um valor artístico dentro do circuito das artes, trazendo esse “fazer” com um estimado valor histórico, que retrata o aconchego das famílias reunidas para o ensinamento de um saber que perdurou durante séculos na nossa história” (BRAUN, 2013, p.65).

Essa representação feita por alguns artistas em torno do crochê representados especialmente pela moda, ainda não teve grande repercussão de demanda na cidade de São Bernardo, uma vez que os produtos feitos de crochê na localidade, ainda devem ser pedidos por encomendas e com antecedência a quem pratica, pois diferentemente de um produto industrial, o crochê leva-se mais tempo para que seja finalizado demorando as vezes dias ou até mesmo semanas dependendo da disponibilidade de quem faz, isso porque como observado as mulheres que fazem crochê possuem outras atividades para ajudar no orçamento familiar.

A demora também de possuir uma peça feita de crochê aos consumidores que buscam esse tipo de produto, é resultante da falta de uma loja específica na cidade de São Bernardo que contenha essa matéria prima. Desse modo, não há ainda um fornecimento intensificado e contínuo de artigos feitos de crochê que não seja sob encomenda.

Por isso, quando questionadas as entrevistadas se fabricam peças só por encomendas ou se as fazem de forma autônoma das dez questionadas, duas (02) A e F afirmaram que gostam de fazer peças de crochê somente por encomenda, enquanto cinco (05) B, C, E, G e H pontuaram que gostam de fazer de forma autônoma, porque gostam de oferecer suas peças. E por fim três (03) D, I e J ressaltaram que fazem para uso pessoal porque esse trabalho não é valorizado como pontua a entrevistada D no qual diz “Eu fabrico as peças só para o uso pessoal. Porque é uma coisa que dá muito trabalho e as vezes as pessoas não dão muito valor” (D, 32 anos).

Nota-se neste sentido que o crochê praticado na localidade segundo a pesquisa não possui um grande valor econômico, essa desvalorização enquanto matéria de consumo decorre, da pouca procura de produtos feitos de crochê, além da localidade ainda ser pequena, não tendo escoamento desse produto para outras localidades. Logo, seu valor está praticamente embasado em um bem cultural, que é repassado continuamente para as novas gerações.

A falta de mercado e a desvalorização econômica entorno do crochê em São Bernardo, pode ser visualizado a partir das entrevistadas, uma vez que questionadas se dava para

sobreviver da atividade de fazer crochê ou se ajudava no orçamento familiar. A resposta foi unânime, todas afirmaram que não dava para sobreviver dessa atividade e que apenas ajudava na renda familiar.

Um dos fatores mencionados pelas entrevistadas, é que isso é resultado da falta de mercado na localidade para esse produto, a desvalorização de quem compra esse artesanato, falta de recurso financeiro para as pessoas comprarem as peças entre outros fatores. Assim, ressaltam que essa arte não é valorizada o quanto deveria ser em São Bernardo- MA, porém as mulheres realizam essas atividades por conta também de um valor cultural.

Foto 02: Tapete de crochê



Foto 03: Tapete de crochê



Fonte: Santos, 23/05/2017

A imagem acima é um dos produtos feitos pelas mulheres da localidade, uma vez perguntadas quantas peças fabricam diariamente, todas as entrevistadas disseram que dependendo da peça, dá para fazer rápido como é o caso do tapete, roupa, touca de cabelo, guardanapo, entre outros. Porém peças grandes como cocha de cama, varanda para rede, conjunto de banheiro entre outros são produtos que levam mais semanas fazendo, já que somente uma pessoa começa e finaliza a peça.

Foto 04: Varanda de rede Foto**05: Conjunto para banheiro**

Fonte: Santos, 23/05/2017

É relevante frisar, que nem todos os produtos citados acima são realizados por todas as mulheres, pois algumas gostam de fazer terminadas peças como é o caso da entrevistada A e H que produzem peças maiores, exemplo cocha de cama, varanda de rede e conjunto de banheiro. As outras B, C, D, E, F, G, I e J gostam de fazerem peças menores como é o caso de tapetes, roupas, guardanapos entre outros.

Foto 06: Colete de crochê**Foto 07: Blusa de crochê**

Fonte: Santos, 23/05/2017

Assim, é observado que as fabricações das peças variam de acordo com cada artesã, pois a produção das peças também está ligada a questão econômica, uma vez que peças menores como é o caso do tapete e de peças de roupas, tem mais saída entre as consumidoras de São

Bernardo. Outras são realizadas somente por encomendas que é o caso das peças maiores, já que as mesmas custam mais caros.

As atividades artesanais realizadas em São Bernardo, como é o caso da pesquisa o crochê, ainda não tem apoio dos órgãos públicos para que o mesmo seja conhecido e valorizado. Assim como a localidade não possui de uma associação ou um centro de artesanato que apoiem as artesãs, logo, essa atividade é realizada singularmente na residência de quem a prática, essas artesãs contribuem indiretamente para o patrimônio cultural imaterial da localidade, já que as mesmas a fazem por prazer e repassam essa prática para ser esquecida.

No próximo capítulo, encaminho para conclusão pontuando como o crochê é praticado pelas artesãs, e como esse artesanato sobreviveu até hoje enquanto um patrimônio imaterial para a cidade. Assim como, destaco os principais agentes na preservação dessa cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é uma análise do crochê como patrimônio imaterial na cidade de São Bernardo – MA. Assim como, um bem cultural que é transmitido entre as gerações, uma vez que essa técnica é realizada por algumas moradoras da localidade que dão prosseguimento a cultura local.

Neste trabalho, também buscou analisar como ocorre a valorização dessa arte e a Continuidade desse bem cultural na cidade. Além, de demonstrar quais os agentes importantes para a preservação desse patrimônio, no qual ressaltado por Nascimento (2009, p 03) patrimônio se remete “aos modos de fazer, as tradições e os costumes do povo brasileiro”.

Para a construção dessa pesquisa, tomo como referência tanto embasamento teórico que tratam da temática em questão, como empírico. Para este último, foi necessária a realização das entrevistas, na qual se deu com dez moradoras da localidade que praticam o crochê, com a finalidade de analisar por meio de seus discursos, como o crochê se inseriu na cidade, também qual a importância do crochê e sua utilidade para as artesãs.

Desta forma, contextualizo a princípio a cultura e sua transformação no meio social, para então, apresentar a importância do patrimônio imaterial na preservação de tradições e costumes comum a uma sociedade ou um grupo social, uma vez que o patrimônio visa valorizar bens culturais com representatividade social.

Também, enfatizo o surgimento do artesanato e seu processo de transformação ao longo dos anos. Ressaltando, também o crochê como uma modalidade que se efetivou na sociedade, apesar de um longo processo e que se estabeleceu na cidade pesquisada que é São Bernardo- MA.

Observo que o crochê se apresenta na cidade de São Bernardo como um bem cultural, uma vez que está enraizado nos costumes da localidade. Essa prática, sempre é repassada principalmente por um membro familiar, seja, irmã, avó, tia, prima entre outros, que acabam contribuindo para sua preservação e memória.

Os dados apresentaram que o crochê ainda é uma atividade realizada somente por mulheres na localidade. Estas possuem outras atividades para ajudar no orçamento familiar, ficando o crochê somente com o papel de colaboração nessa renda, ou como uma atividade prazerosa de fazer.

Conforme relatos, o crochê não é um artesanato valorizado economicamente na cidade, as entrevistadas muitas vezes a fazem ou para consumo próprio ou sob encomendas. Essa desvalorização como observado, ocorre pela falta de política pública por parte municipal em incentivar e propagar o artesanato na localidade.

Logo, a ausência de incentivo ou de uma associação de artesãos, implica na desvalorização econômica e divulgação do crochê na cidade. O que se torna relevante frisar, o levantamento de medidas popular ou de estudos voltados a essa área de pesquisa, como forma de propagar esse artesanato e fomentar políticas públicas para seu reconhecimento e valorização.

No entanto, apesar desses empecilhos o crochê é realizado a muito tempo pelas moradoras da localidade, que a valorizam, dando continuidade a essa arte ao longo dos anos e repassando esse ensinamento adiante. Por isso, o crochê se apresenta como um patrimônio imaterial, por que está inserido dentro de práticas e costumes das moradoras bernardenses que buscam apesar das dificuldades manterem essa arte viva.

Este foi um olhar sobre a temática, que sirva de incentivo para outras pesquisas sobre os patrimônios imateriais do contexto do Baixo Parnaíba.

REFERÊNCIAS

- BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais** /Brasília, DF: IPHAN, 2007, Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/138/13767633911715480676.pdf>, Acesso em 22/02/2017.
- BRAUN, Sônia Maria Antônia Holdorf. Intervenção Urbana com Fios: **O Tricô e o Crochê na Arte Contemporânea em uma Perspectiva Educativa**, 2013, Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87670/000911535.pdf?sequence=1> Acesso em: 05/04/2017.
- COSTA, Leila Miguelina Aparecida. **O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda: um estudo de caso as Associação Comunitária do Bairro Lambari**, 2012, Disponível em: <http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/414-1166-1-PB.pdf>, Acesso em: 04/02/2017.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de, **Patrimônio imaterial no Brasil**, Brasília: UNESCO, Educarte, 2008, Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/imagens/0018/001808/180884POR.pdf>, Acesso em 22/02/2017.
- FROTA, Lélia Coelho. **Patrimônio Cultural Imaterial Latino Americano II**, Cusco 2010.
- IPHAN, **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho**, 2006, Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimonioImaterial_1Edicao_m.pdf Acesso em: 04/04/2017.
- KUBRUSLY, M.E.; IMBROISI, R. Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC Nacional; São Paulo: SENAC, 2011.
- LEMOS, Maria Edny Silva. **O Artesanato Como Alternativa de Trabalho e Renda**, 2011, Disponível em: <http://www.mapp.ufc.br/images/disserta%C3%B5es/2011/MARIA-EDNYSILVA-LEMOS.pdf>, Acesso em: 03/03/2017
- NASCIMENTO, Rodrigo Modesto. **Relações entre o Patrimônio Material e Imaterial: O Caso do Cemitério Japonês**, 2009, Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo_12_Rodrigo_Modesto_Nascimento.pdf, Acesso em: 26/02/2017.
- RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica. Guia para eficiência nos Estudos**. 6ª ed., Atlas: São Paulo, 2011.
- SANTOS, Thiago de Sousa. **O Artesanato como elemento impulsionador no**

Desenvolvimento Local, 2010, Disponível em:
http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf, Acesso em: 04/02/2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**, São Paulo: Brasiliense, 2006, Disponível e m:
<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/o-que-c3a9-cultura-jose-luiz-dossantos.pdf>
 Acesso em: 04/04/2017.

SILVA, Márcia Alves da. **Abordagem sobre o Trabalho Artesanal em Histórias de Vida das Mulheres**, Educar em Revista, Curitiba, Brasil: 2015.

SOUSA, Ronilson de Oliveira. **“AGOSTO EM FESTA SE ENFEITA” Origens e transformações históricas no festejo de São Bernardo**, São Bernardo- MA 2014.

SOUSA, Ronilson de Oliveira; VIANA, Keliane da Silva. **Todo ano tem: o levantamento do mastro na cultura campesina maranhense**. Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR / 1º Simpósio Internacional da ABHR - USP. Disponível em
 <http://www.abhr.org.br/?page_id=1568> Acesso em: 03/03/2017.

VERAS, Emanuelle Kelly R. S. **Crochê e Richelieu: Traços Culturais no Design Brasileiro**, 2007, Disponível em:
http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_disenho/articulos_pdf/ADC101.pdf, Acesso em: 26/02/2017

VAZ, Raimundo Nonato. **São Bernardo Documentário: História da Matriz de São Bernardo-Nossa Terra, Nossa Gente**. 4 ed. Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO Campus de São Bernardo Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos**

O Sr. (a) foi selecionado (a) e está sendo convocado (a) para participar da pesquisa intitulada A arte do crochê como patrimônio IMATERIAL da cidade de São Bernardo - MA que tem como responsável Angeirley Santos Silva. O objetivo da pesquisa é demonstrar como a técnica do crochê chegou em São Bernardo e como vêm sendo repassada de geração para geração, além de descrever o processo de incorporação do aspecto cultural da arte do crochê através do discurso das artesãs.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob forma de entrevista.

Sr. (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. Desde já agradecemos!

Angeirley Santos Silva

São Bernardo – MA, ____ de _____ de 2017

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____

(Assinatura)

APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista com as Artesãs

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO Campus de São Bernardo Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos

O presente questionário tem por finalidade mostrar o crochê como Patrimônio Imaterial na Cidade de São Bernardo – MA. Para tanto, necessitarei aplicar entrevistas com as artesãs que praticam esse tipo de artesanato na localidade.

1. Com quem você aprendeu essa técnica?

2. Você tinha quantos anos quando aprendeu? E há quanto tempo a utiliza?

3. Alguém mais de sua família sabe realizar essa arte?

4. Dá para sobreviver com essa atividade? Pelo menos ajuda no orçamento familiar.

5. Você fabrica as peças só por encomendas, ou gosta de vender de forma autônoma?

6. Quantas peças você produz por semana? Quais os pontos que você mais utiliza?

7. Quais são as peças que você mais gosta de fazer?

8. Quais peças são melhores para vender?

9. Essa atividade é valorizada?

10. Você conhece alguém que já ficou financeiramente consolidado fazendo crochê? Se positivo, justifique.
